



AS RAÍZES DA INTOLERÂNCIA E DA VIOLÊNCIA NAS RELIGIÕES: ASPECTOS COGNITIVO-AFETIVOS

THE ROOTS OF INTOLERANCE AND VIOLENCE IN RELIGIONS: COGNITIVE AND AFFECTIVE ASPECTS

*Luiz Alencar Libório**

RESUMO

Em nossos dias, são veiculadas constantemente notícias referentes à intolerância e à violência religiosa, especialmente, em Estados islâmicos, no Oriente Médio, na África e em outros países como o Afeganistão e o Paquistão, entre outros. O objetivo desse Artigo é identificar e refletir sobre as raízes identitárias da intolerância e da violência religiosa, em nível cognitivo-afetivo, axiológico, pedagógico e financeiro-político, buscando o poder, através de torturas, degolações sumárias e estupros de crianças e mulheres cristãs indefesas ou também islâmicas de facção contrária. A metodologia constou de bibliografia abalizada tanto nacional quanto internacional. Os resultados apontam para uma assimilação radical da realidade e uma má acomodação à realidade, em nível cognitivo, afetivo, axiológico, pedagógico e financeiro-político. Tudo isso resulta num fechamento radical de horizontes (esquemas) num mundo cada vez mais plural, complexo, diferente, globalizado e secularizado, sendo necessária urgentemente uma educação respeitosa e tolerante para com as diferenças religiosas, visando promover a cultura da tolerância, da paz e a harmonia entre as nações.

Palavras-chave: Identidade e práticas sociorreligiosas, intolerância, violência, abertura de mente, cultura da paz.

Abstract

In our days, are constantly propagate news about the intolerance and religious violence, especially in Islamic States in the Middle East, in Africa and other countries like Afghanistan and Pakistan, among others. The aim of this article is to identify and to reflect on the identity roots of intolerance and religious violence at cognitive-affective, axiological, educational and financial-political level, seeking power

* Doutor (2002) e Mestre em Psicologia (1997), pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma. Atualmente é Professor Adjunto II da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Membro do Grupo de Pesquisa: Religiões, Identidades e Diálogos. E-mail: laliborio@terra.com.br.

through torture, summary beheadings and rape of Christian women and children defenseless or also Islamic contrary faction. The methodology consisted of authoritative literature both national and international. The results point to a radical assimilation of reality and poor accommodation to reality at cognitive, affective, axiological, educational and financial-political level. All this results in a radical horizon closure (schemes) in a world increasingly plural, complex, different, globalized and secularized, requiring urgent respectful and tolerant education to religious differences, in order to promote the culture of tolerance, of peace and the harmony among nations.

Keywords: Identity and socio-religious practices, intolerance, violence, open-mindedness, culture of peace.

INTRODUÇÃO

Desde o momento em que a vida aconteceu no planeta Terra, ela tinha de se adaptar para durar no espaço-tempo, através da adaptação (Invariante Funcional- Piaget) com os mecanismos da assimilação e da acomodação que, se não eficiente e rápida, deixa estruturalmente fechada a assimilação em seus esquemas cognitivos, afetivos e axiológicos petrificados, impedindo o equilíbrio homeostático, eutímico e a abertura flexível de horizontes na acomodação para poder durar ante os constantes desafios da natureza (frio, calor, tempestades) e do mundo globalizado, complexo e multirreligioso desde os primórdios.

De fato, entre os antropoides, nos albores da humanidade, surge, no meio do cérebro, o *nucleus accumbens* (NAcc: núcleo apoiador do septo ou vida dopaminérgica mesolímbica) que, em ligação com o tronco encefálico, está associado à recompensa, ao prazer e à dimensão religiosa do homem (SHERMER, 2011, p. 134).

O surgir do “gen de Deus”¹ (VMAT2: Transportador de monoamina vesicular 2) propicia no homem a transcendência (SHERMER, 2011, p. 187), a busca de um Todo que é (ou achamos que é!) que parece dessedentar o coração aflito do homem em sua aventura existencial, deslocando-se entre o nascimento e a morte.

O psiquiatra e filósofo Viktor Frankl (1998), que experimentou durante quatro anos a constante ameaça da morte, nos campos de concentração durante a II Guerra Mundial, afirma que Deus é presença no Inconsciente humano, devendo se tornar consciência, decisão e

¹ Segundo o Dr. Dean Hamer do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos da América In: SHERMER, M. **Cérebro e Crença**, 2011, p. 187.

responsabilidade para que a vida tenha os suprassentidos na direção do Suprassentido (o Transcendente).

Essa busca e vivência do Transcendente, no processo de uma catequese fechada, pode se fossilizar, tornar-se estritamente dogmático, não admitindo a variação e as diferenças naquilo que foi ensinado e aprendido, surgindo as primeiras raízes da intolerância e da violência religiosas que, em nome de Deus (Javé, Trindade, Allah e outros) mataram e continuam matando milhares de pessoas do próprio credo (as mais abertas) ou de outros credos (chamados de infiéis, bruxas ou pagãos) como aconteceu na Inquisição e acontece agora em certos Estados islâmicos radicais.

É urgentemente necessário para que aconteça a paz maior entre as nações, que se relativize a intolerância, que se absolutize a sensibilidade diante das diferenças existentes na pequena aldeia tão globalizada em todos os aspectos (Mc. Luhan) e se busque os caminhos da compreensão maior, da justiça com a pessoa humana, criação de Deus, do diálogo salutar para que medre a tão desejada paz num mundo globalizado, secularizado, multirreligioso e complexo como o nosso.

Para isso, este artigo pretende modestamente refletir sobre essas temáticas, abordando três temas principais: 1) estruturação identitária inicial, identificação projetiva e equilíbrios cognitivo-afetivos na Personalidade; 2) estruturação axiológica e afetivo-sexual da personalidade; 3) a intolerância e a violência nas religiões no hoje e no amanhã de nossos dias.

1. ESTRUTURAÇÃO IDENTITÁRIA INICIAL, IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA E EQUILIBRAÇÕES COGNITIVO-AFETIVAS

Este tema contém dois subtemas: 1) estruturação identitária inicial e identificação projetiva e 2) equilíbrios cognitivo-afetivos.

1.1 Estruturação identitária inicial e identificação projetiva

Identidade vem do Latim *Idem* (o mesmo: Cícero): é a consciência da persistência da própria personalidade; é o que faz com que uma coisa seja a mesma (uma mesma natureza) que outra. Noutras palavras, é o conjunto de características e circunstâncias que distinguem

uma pessoa ou coisa graças às quais é possível individualizá-la (HOUAISS, 2001, p. 1565, verbete Identidade).

Para Erik H. Erikson (1976, p. 159), “a formação da identidade se dá com a introjeção da realidade e identificação com a mesma, passos esses com os quais o ego se desenvolve numa interação cada vez mais madura com os modelos existentes no mundo”.

Para Stuart Hall *et al.* (2007, p. 112):

Identidade significa o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividade, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (HALL *et al.*, 2007, p. 111-112).

Portanto, para Stuart Hall *et al.*, “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às “posições-de-sujeito” que as práticas discursivas constroem para nós onde o “diferente” só enriquece a identidade (HALL, 2007, p. 112).

A Identificação Freud a define como a “ mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, sendo ambivalente desde o início” (FREUD, 1900/1972. p. 640).

Portanto, o ser humano – estando no mundo (*In-der-Welt-sein*), sendo relações com as coisas do mundo (*Mitwelt*) e com as pessoas (*Mitdasein*) – para sobreviver biopsicoafetivamente e axiologicorreligiosamente necessita da invariante funcional piagetiana: a adaptação.

A adaptação, em sua fase de assimilação da global realidade circundante e circunstante e na fase de acomodação diante da mesma realidade, vai necessariamente criando as mais diversas estruturas (esquemas) cognitivas, afetivas, axiológicas e espirituais (noológicas).

Assim como a planta só lança raízes profundas “identificadas” com o solo no qual está, também a pessoa humana necessita de identidade: um lastro passivo-dinâmico que, de certa forma, nos ilude ante as céleres mudanças de nossos tempos. Noutras palavras, a antiga problemática de Parmênides (tudo é estático: *πάντα μένει.*) e de Heráclito (tudo flui: *πάντα ρέι.*)

Portanto, já os pré-socráticos Parmênides e Heráclito experienciaram litígios sobre a realidade: estática ou dinâmica? A identidade, em geral, é concebida como algo mais estático do que dinâmico. Daí a concepção de que a perfeição é imutável (estática porque plena!). Deus é imutável e quanto mais uma identidade é imutável, tanto melhor para certos crentes de fé fossilizada. Isso ainda está muito em voga em nossos dias nas cosmovisões e religiões.

Freud já acenava, em *Interpretação de Sonhos* (V), para a identidade de percepção ou perceptual (*Wahrnehmungsidentität*) e a identidade de pensamento (*Denkidentität*). No ato de conhecimento, a identidade perceptual (processo primário) visa encontrar de novo uma percepção idêntica à imagem do objeto resultante da vivência de satisfação (FREUD, 1900, p. 640).

A identidade do pensamento é o processo secundário com o qual a identidade procurada é a dos pensamentos entre si (FREUD, 1900, p. 640-641). Levando em conta esses dados freudianos, será que os fiéis radicais das religiões não se ativeram estaticamente, em nível cognitivo e psicanalítico (onírico-prazeroso) ao que aprenderam em seus livros sagrados, de modo letrista (fundamentalista) sem o concurso da hermenêutica (exegese), estruturando hermeticamente, nos primórdios de sua formação religiosa, uma identidade de modo petrificado, satisfatório e radical, perpetuando-se essa identidade pelo resto da vida?

No processo secundário (identidade de pensamento), será que os extremistas do ponto de vista cognitivo e afetivo não estão aprisionados às primeiras produções de pensamento sobre os livros sagrados e as doutrinas, entendidos mecânica e rasteiramente, sem a flexibilidade típica de quem é histórico (ser humano), deslocando-se prazerosa e abertamente entre o nascimento e a morte?

Essa estrutura identitária inicial - em nível psicanalítico-onírico (identidade perceptual e de pensamento), cognitivo, afetivo, axiológico e religioso – não ficou embotada pela fixação na satisfação primitiva, nos pensamentos originais, tidos como revelados e, portanto, estáticos, fossilizados porque perfeitos?

E já que somos “seres-com-os-outros” (*Mitdasein*), há uma tendência quase cega à “identificação” – especialmente, na fase infantil da humanidade e de pertença a um grupo religioso tido como perfeito e pleno, via potente mídia desse mundo globalizado - com pessoas e grupos fechados, fundadores das religiões, em geral, muito avessos às mudanças.

Quanto mais rígidos os esquemas dessa estruturação identitária inicial, tanto mais difícil é a identificação com o diferente, em nível cultural, ético-moral e religioso, gerando os radicalismos com intolerância e violência, inclusive sexual (estupros) e a barbárie das degolações de inocentes, sádica e satisfatoriamente efetuada por um ego doente porque fossilizado cognitivamente e afetivamente.

Este terrorismo político e religioso está eivado de uma estreita cosmovisão incapaz de identificar-se corretamente e de fazer sínteses com o que está além do seu próprio ninho num tremendo e radical egocentrismo (criança) e egoísmo (adulto) e, portanto, radicalmente cego e pobre em todos os aspectos.

No desespero dessa grande cegueira do ego acontecem muitas identificações, especialmente, a projetiva.

Sobre isso comentam J. Laplanche e J.-B. Pontalis:

A identificação é um processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa, constituindo-se e se diferenciando a personalidade por uma série de identificações (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 295).

O verbo identificar remete mais à dimensão cognitiva, enquanto que o identificar-se remete mais à dimensão psicanalítica onde o objetivo pessoa, individualizado fora, repercute no objeto idificado (introjetado no *Id*) e, portanto, com certa semelhança, acontecendo uma série de conceitos psicológicos (imitação, empatia (*Einfühlung*), simpatia, contágio mental) e mormente a projeção identificativa como tentativa de recuperar um passado não bem resolvido, em nível cognitivo, afetivo, axiológico e religioso.

Segundo Mario Cusinato (1988), o processo de “identificação projetiva” tem três momentos, a saber:

- A fantasia de projetar uma parte de seu *self* no cônjuge ou em outra pessoa;
- A pressão para que o objeto da projeção (o cônjuge, a pessoa) se comporte de modo congruente com a projeção;
- E a reinteriorização da projeção (interiorização projetiva) para o necessário equilíbrio eutímico. (CUSINATO, 1988, p. 93-93).

Sigmund Freud desde os primórdios afirma poderem coexistir várias identificações ou pluralidade de pessoas psíquicas (FREUD, 1900, p. 155).

De fato, Max Scheler fala de identificação heteropática e centrípeta (Wallon) em que é o indivíduo que identifica a sua própria pessoa com outra e também a identificação idiopática e centrífuga em que o indivíduo identifica o outro com sua própria pessoa.

Esses tipos de identificação, também projetiva, podem reger as relações de afeto e de ódio entre as pessoas no amanhã de sua maturação biopsíquica e religiosa, levando-se em conta, principalmente, as equilibrações cognitivo-afetivas na formação de sua personalidade.

1.2 Equilibrações cognitivo-afetivas

Segundo Piaget, na dinâmica da Invariante Funcional, Adaptação, a *assimilação* de um *objeto* (*ob+iectum*: jogado na frente do sujeito que conhece), conhecimento, doutrina, evento ou pessoa provoca um desequilíbrio cognitivo (e também afetivo) por causa das características novas assimiladas *no objeto*, na *pessoa*, no *acontecimento* ou na *doutrina* assimilada.

Somente uma *acomodação rápida, eficiente e integrativa* (Inteligência para Piaget!) ao *objeto* (em suas características), à pessoa e à doutrina leva a uma *equilíbrio*² e regulação dos esquemas cognitivos e afetivos já existentes no sujeito conhecedor.

É por meio dessa *equilíbrio*, especialmente a *majorante*, com reequilibrações constantes que avança e progride o conhecimento para novos patamares (construtos, teorias, paradigmas) como afirma Piaget (1976, p. 15-25).

Se, no processo de acomodação, eu, como sujeito cognoscente, não sou eficiente, dinâmico e aberto, a *equilíbrio* (reequilíbrio) das estruturas cognitivo-afetivas fica falha, resultando num egocentrismo cognitivo-afetivo infantil que se não for bem trabalhado permanece para a vida toda como estrutura pobre (petrificação) e por demais fechada (PIAGET, 1976, p. 41).

² Cf. Jean PIAGET. **A equilíbrio das estruturas cognitivas**. Problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar Editores, Cap. I, 1976, p. 11-44.

Esse fechamento pode ser, em nível cognitivo e afetivo, uma causa dos radicalismos com a consequente intolerância ao diferente no campo das ideias, valores ético-morais e religiosos.

No campo da aprendizagem, nas fases sensório-motor e pré-operatório concreto, pode acontecer que o egocentrismo cognitivo-afetivo se radicalize justamente por não terem acontecido a regulação, a equilibrção (reequilibrção) de modo adequado, fixando-se mais na assimilação do que na acomodação, acontecendo um desenvolvimento intelectual e afetivo (ambos andam juntos) deficiente, repercutindo isso num amanhã, na convivência com a complexidade das culturas, com as diferenças de cosmovisões e com a pluralidade de religiões tão comuns num mundo globalizado e secularizado como o nosso.

Donald W. Winnicott, em seu livro *L'enfant et sa famille* (2002), reflete sobre a fase dos “objetos transicionais” que antecede a fase objetual como tal. Qualquer *fixação* em objetos transicionais, especialmente, em nível cognitivo-afetivo, pode trazer transtorno ao desenvolvimento integral da criança, repercutindo principalmente no relacionamento com os objetos e com as pessoas no futuro que serão marcadas por essa *fixação perturbadora* na fase dos objetos transicionais (WINNICOTT, 2002, p. 207-215).

A infância, sem dúvida, é a plataforma de um bom relacionamento integral ou não no intercâmbio com os objetos e as pessoas, principalmente com a ausência da mãe nesta fase.

Buda (1992, p. 208) não se cansava de afirmar que o “caminho do meio” (*Madhyamaka*) é o mais perfeito por abranger do terceiro incluído (A-B-C).

A vida parece perseguir o equilíbrio, não o equilíbriismo que seria neurótico. Se o ser humano tem uma boa homeostase, uma sã eutímia e a virtude da temperança (tempero da vida religiosa!) os desequilíbrios tomariam conta da criação, especialmente, da espécie humana que, em sua incoerência e pouca visão, é intolerante e violenta em nome de Deus.

É urgente uma educação fundamental e aberta sobre os valores para que se tenha uma personalidade equilibrada e não se invista destrutivamente nestes campos contra a pessoa humana, independente do sexo, da raça ou da religião, especialmente, por fiéis com desestruturação da personalidade, em nível axiológico, afetivo e sexual com estupros violentadores.

2. ESTRUTURAÇÃO AXIOLÓGICA E AFETIVO-SEXUAL DA PERSONALIDADE

Este tema contém dois subtemas: 1) os valores na estruturação da personalidade; 2) o vínculo afetivo-sexual na Infância e suas ressonâncias nas posteriores atitudes humanas.

2.1 Os valores na estruturação da personalidade

Os valores são entendidos como eixos da existência humana! Segundo André Lalande: “valor é tudo aquilo que de algum modo realiza a pessoa humana” (LALANDE, 1953, p. 1405).

Mas, como surgem os valores, eixos do ser humano em sua peregrinação existencial?

a) O surgir dos valores

Segundo Max Scheler (filósofo alemão, Frankfurt am Main: 1874-1928), nas atitudes e no comportamento humano, há os seguintes elementos: a *tendência* (*Streben*), os *fins* (*Zwecke*), os *objetivos* (*Ziele*) e os *valores* (*Werte*).

O *fim* é um conteúdo, dado para ser realizado, pertencendo sempre à esfera dos conteúdos figurados, isto é, *representados*. *Fim* (τέλος) significa o limite mais longínquo de uma ação, uma cessação, chegar a uma certa perfeição do que se queria no ser, ter e agir, sendo uma espécie de *fronteira* (realização mais plena)³. Exemplos de representações: Paz (pomba), Céu (nuvens), Amor (coração), etc. O *fim* é mais abrangente e distante do que a *tendência* e os *objetivos*.

Nem sempre na *tendência* há um *fim*. Uma pessoa pode ter a tendência de roubar e não ser isso um fim em sua vida. Ao contrário, toda a *tendência* tem um *objetivo*: está enraizada no próprio curso da tendência e não é condicionada por nenhum ato da representação.

Se há uma *tendência*, ela visa a um *objetivo* que tem como conteúdo imediato o *valor* que para ser valor necessita da *intenção* do sujeito. A *intenção* converte um objetivo em *valor*. Exemplo: Eu quero (tenho a intenção de) fazer Medicina (meu objetivo). Logo o Curso de Medicina é um valor para mim.

³ LALANDE, A. Fin. In: **Vocabulario técnico e crítico de la Filosofía**. Buenos Aires, El Ateneo, 1953, p.487.

Os valores, portanto, não dependem dos fins, mas se enraízam nos objetivos de nossas tendências, que lhes servem de fundamento.

Os *objetivos*, portanto, são o fundamento dos valores (com intenção) e dos fins (realizações mais plenas). Exemplo:

Tendência → Objetivo (intenção) → Valor → Fim (realização mais plena).

Não se deve, no entanto, confundir o *valor* com o “dever-ser”! Max Scheler distingue entre o “dever-ser-ideal” e o “dever-ser-normativo” (imperativista). No “dever-ser-normativo” um conteúdo do “dever-ser-ideal” se refere, como exigência, a uma tendência.

Exemplo: “Não matarás” (V Mandamento, e leis constitucionais) é um “dever-ser-normativo” que gera o “dever-ser-ideal”: “Não se deve matar”, “deve-se preservar a vida”, pois há uma tendência no ser humano à *destruição* (o homem é um animal neurótico-agressivo, segundo Freud!) mesmo como autodefesa!

O *valor*, portanto, fundamenta o “dever-ser-ideal” que por sua vez fundamenta o “dever-ser-normativo”. Exemplo:

Valor (vida) → Dever ser ideal (não se deve matar) → Dever ser normativo (não matarás, é proibido o homicídio: leis divinas e civis).

É um grave erro construir a Ética sobre o “dever-ser-normativo”, pois, por exemplo, nem toda a norma “legal” é “ética”! Exemplo: aborto, eutanásia, guerra (jihad). Roubar para *realmente* (!) sobreviver pode não ser legal, mas é ético! O pobre que rouba uma galinha é preso e o grande (colarinho branco) que rouba bilhões de dólares da nação é sempre reeleito para roubar mais ainda (!).

Onde está a ética, sem nem falar da dimensão moral que tem, em geral, como base as religiões que sustentam a perenidade de certos valores, tidos em si como absolutos (Vida, Justiça, Bondade, Honestidade, entre outros).

Os valores, portanto, não são *relativos* (contra o subjetivismo: reduz o valor ao homem e contra o *relativismo*: reduz o valor à vida). Relativo é o nosso *conhecimento* dos valores e não os valores que não são uma relação, mas qualidade, esteio e durabilidade para a segurança e consistência do indivíduo, família e sociedade.

Veja o caso de nosso Brasil: reina a insegurança, o medo por causa da relativização e destruição absolutas dos valores: honestidade, sinceridade, trabalho, integridade, respeito à pessoa, havendo, portanto, uma *variação* por demais *relativa* do *sentimento* e do *conhecimento* dos valores (*Ethos*), bem como a *variação* do *juízo dos valores* (Ética), gerando a tipologia scheleriana dos valores.

b) Os tipos de valores (Max Scheler)

Os valores podem ser divididos, segundo Max Scheler, em: 1) positivos, 2) negativos, 3) superiores, 4) inferiores, 5) “a priori” e 6) segundo seus portadores, inclusive aos valores morais (superiores). Ei-los:

1. *Valor positivo*: a existência é em si mesma um valor positivo.
2. *Valor negativo*: a não existência ou interrupção da existência.
3. *Valores superiores*: os valores mais consistentes, os menos “divisíveis”, os que servem de fundamentos a outros, os que provocam satisfação mais profunda, os que são menos relativos: Vida, Justiça, Amor, entre outros.
4. *Valores inferiores*: O contrário dos valores superiores.
5. *A priori*: (modalidades de valor, vem com a gente: temperamento, cargas genéticas positivas): *Valores sensíveis*: o agradável e o desagradável; *Valores vitais*: o nobre e o vulgar; *Valores espirituais*: o belo e o feio, o justo e o injusto, o conhecimento puro da verdade; *Valores do sagrado e do profano*: altar, igreja, baile, partida de futebol, entre outros.
6. *Segundo seus portadores*: *Valores de coisa*: bens e bens de cultura; *Valores de pessoa*: valores da própria pessoa, as virtudes, etc. Só a pessoa é originariamente

boa ou má e não os valores. Os *valores morais* (superiores) são valores pessoais por excelência: Amor, justiça, fortaleza, entre outros!⁴

Como se pode observar, a *axiologia* (tratado dos valores) não é tão simples como parece às *pessoas* (*per-sona*: soar + através de) que vivem no mundo hodierno cada vez mais ameaçadas pela irreflexão, acritica, radicalismos, hedonismo, intolerâncias (religiosas) e o relativismo de tudo, principalmente para certos grupos político-religiosos do Oriente e do Ocidente.

Uma estruturação axiológica falha, adquirida na Infância, leva à absolutização do que é relativo e relativização do que é absoluto. Os valores superiores positivos (Justiça, honestidade, fidelidade, bondade, etc.) se tornam valores inferiores negativos, mas para os corruptos são “positivos” (corrupção, mentira, injustiça, roubos, tirar sempre proveito dos outros).

Os valores mal estruturados, cultivados na Infância, que não conhecem a maturação e a maturidade em fiéis e em políticos, se estratificam cognitiva e axiologicamente de modo errado, gerando violências externas, ressonâncias do grito violento interno há tempo introjetado.

Essa violência interna (introjetada), quando externalizada, não conhece e reconhece justos e inocentes, desembocando nas degolações sumárias e nos estupros individuais ou coletivos por parte de membros de grupos radicais (intolerantes), de matiz político e religioso, de nós todos sobejamente conhecidos e que tem essa violência suas raízes profundas, mormente, na má formação dos vínculos afetivo-sexuais infantis (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p. 49-51).

2.2 O vínculo afetivo-sexual na Infância e suas ressonâncias nas posteriores atitudes humanas

São inúmeros os tipos de vínculos, estabelecidos pela pessoa humana, na Infância e ao longo da existência, repercutindo na dimensão afetivo-sexual.

Segundo Enrique Pichon-Rivière (1986, p. 23-25), o vínculo pode ser normal (sadio) ou patológico com diversas nuances: paranoico (com muita desconfiança), depressivo

⁴ Cf. SCHELER, Max. “Filosofia da essência” In: BOCHENSKI, I. M. , **Filosofia contemporânea ocidental**. São Paulo: Herder, 1962, p. 142-144.

(carregado de culpa e expiação), obsessivo (com muito controle e ordem), hipocondríaco (com queixas constantes de doença), histérico (com representação plástica e dramática da afetividade e sexualidade).

Por trás de todos esses tipos de vínculo patológico (também afetivo-sexual), há representações que têm como base (dinamicamente atuando) as fantasias. Noutras palavras, a pessoa, com esses tipos de vínculo patológico, está querendo “dizer algo”, está representando “alguma coisa” sintomatológica (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p. 25).

O vínculo, em sua estruturação cognitiva, afetiva e axiológica, pode ser introjetivo (quando se interioriza ou se introjeta) como, por exemplo, as figuras de Che Guevara, Michael Jackson, Bin Laden, entre outras.

Essas figuras são, de tal modo identificadas (introjetadas) pelos sujeitos cognoscentes e com elas simpatizantes, que se materializam em “atitudes” e “condutas”, como, por exemplo, o corte de cabelo à Neymar, usado por tantos jovens do mundo inteiro na fase adolescente dos “ídolos”.

Nessa identificação projetiva, a pessoa ou o espectador de um espetáculo não tem mais o personagem dentro de si, sendo o mesmo colocado em cena. É a possibilidade de seguir a ação com uma divisão esquizoide, assumindo os papéis no exterior e colocando-se no mundo fora em cena atuante (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p. 81).

Numa formação afetivo-sexual não sadia: patológica (irreal, moralista e puritana), geralmente, a pessoa doente projeta (depositante) seus problemas afetivos, sexuais e axiológicos (depositados) na pessoa do terapeuta ou pessoas circundantes e circunstantes: chamados de depositários. (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p. 125-131).

Sirvam de exemplos, como depositários, o Cristianismo como religião e os Estados Unidos como nação. Contra eles grupos radicais projetam um ódio tremendo, traduzindo-se em intolerância e em violência com degolações impiedosas de inocentes e estupros covardes e animalescos contra crianças e mulheres indefesas por razões de má formação afetivo-sexual e político-religiosa.

O Alcorão afirma: “[...] não tirem a vida, que Deus fez sagrada, exceto pela justiça ou lei: assim Deus o comanda para que raciocineis” (ALCORÃO, 16,151). O Islão e outros

grupos religiosos radicais, pois, deveriam considerar todas as formas de vida como sagradas, em especial, a vida humana, sendo este o primeiro direito básico (a Vida) da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas, direito esse que é tão desrespeitado em nossos dias! A vida não tem mais nenhum valor: mata-se por R\$ 10,00 (dez reais) por um par de tênis.

As raízes de todo esse desrespeito e violência estão plantadas e realmente mal estruturadas, geralmente, na Infância, com adendos posteriores de matiz educacional e político-religioso. Esta estruturação se dá de maneira incompleta e insana na formação dos mais importantes traços da Personalidade entre os 2 (dois) e 8 (oito) anos de idade (FREUD).

Culminando todas essas razões, está a busca desenfreada pelo poder maior, em nível econômico, político e religioso, com suas benesses, no concerto das nações hodiernas, semeando o desrespeito aos Direitos Humanos (ONU, 1948), a injustiça, o medo e o terror macabro como temos presenciado em nossos dias.

Constata-se, infelizmente, uma onipotência e um radicalismo impiedoso no confronto com o ser humano que não vale nada diante de grupos frios e insensíveis, falsamente autocognominados de jihadistas. O *jihad* islâmico é a luta pela perfeição maior e onde houver povos da Escritura (judeus e cristãos) e o Islamismo for maioria, ele deve proteger esses povos (ALCORÃO, 4:75). O que se vê realmente hoje é uma visceral intolerância e violência em algumas religiões, desrespeitando o Alcorão e os outros livros sagrados.

3 A INTOLERÂNCIA E A VIOLÊNCIA NAS RELIGIÕES NO HOJE E NO AMANHÃ DE NOSSO DIAS

Este tema está subdividido em três subtemas, a saber: 1) a cosmomaquia: violência cósmica universal; 2) a biomaquia, a antropomaquia e a teomaquia; 3) a intolerância nas religiões e as propostas de paz global.

3.1 A cosmomaquia: violência cósmica universal

Nós, os seres humanos, brotamos da Natureza, através de uma longa e sinuosa evolução das espécies, na qual o mais forte suplanta o mais fraco e também estamos à mercê

dos mais diversos cataclismos cósmicos: terremotos, maremotos (tsunamis), vulcões, inundações, choque de asteroides e planetas.

Nesse planeta Terra, com seus movimentos de rotação e translação, estamos constantemente ameaçados pela catastrófica e inconsciente violência do cosmos que pesa sobre nós, tentando a humanidade delimitar e guardar esse território, como os animais, sem muito sucesso.

No entanto, a pesar dessa condição existencial, chegamos à consciência reflexa e desde aquele momento significativo sonhamos com a talvez utópica paz, em meio a tantas guerras radicais e sistêmicas, frutos da natural agressividade do organismo vivo para sobreviver, dominar território e procriar, sendo essa condição agressiva corroborada pelo egoísmo do indivíduo e por muitos sistemas sociopolítico-econômicos, como o capitalismo selvagem, que prioriza o capital e favorece a competição acirrada entre as pessoas e empresas (PIKASA, 2008, p. 13-14).

3.2 A biomaquia, a antropomaquia e a teomaquia

A competição pela sobrevivência, pela procriação e pela felicidade (μαχία: luta) acontece em três campos de batalha: a vida, o homem e os deuses.

3.2.1 Biomaquia: luta biológica para durar sobre a face da terra

A natureza, repleta de várias espécies vivas, marcou cada espécie com seus sistemas de defesas: garras, dentes, venenos. A nossa vida é constantemente ameaçada desde os vírus e as bactérias até os grandes predadores (leões, hipopótamos), inclusive o homem que é um animal agressivo por natureza (FREUD).

Apesar de tudo isso, nascemos e vivemos buscando a felicidade e a realização, adoecemos e envelhecemos (quando sortudos!) e finalmente morremos. Portanto, trazemos a violência em nosso psicofísico (mente e corpo), extravazada para a nossa história, sempre ameaçados pelo cosmos e pela vida circundante e circunstante. Como afirma Xabier Pikasa: “Não sabemos no mundo se a força da vida nos ama ou nos odeia” (PIKASA, 2008, p. 198).

3.2.2. Antropomaquia: luta do ser humano para sobre sobreviver na Terra

O ser humano, como consciência reflexa e comunicação, quase sempre foi entendido desde os primórdios em chave religiosa, sabendo que depende de um criador e dos outros e que podemos destruí-los na luta pela sobrevivência, tentando salvar os territórios e os interesses pessoais e dos grupos primitivos (PIKASA, 2008, p. 199-201).

Assim como o animal é violento na luta pela sobrevivência, na invasão de território e na conquista da fêmea, o ser humano tem também seus campos de valores, de comunicação, finanças e outros interesses que defende, muitas vezes, atacando e matando, além da natural catarse da violência acumulada num sistema vital tensionado existencial e psicoafetivamente.

3.2.3 Teomaquia: a projetada luta dos deuses

No passado, antropomorficamente, acreditou-se em mitos de guerras entre os deuses, especialmente a guerra entre anjos e demônios desde a Índia até a Grécia e do México até a China.

Apesar de não acreditarmos mais nesses mitos, muitas religiões, especialmente as de matiz (neo) pentecostal e os radicais islâmicos, gritam muito veemente uma luta renhida entre Deus e o Diabo, entre o Bem e o Mal e entre os fiéis e infiéis (Islamismo).

Estamos cada vez mais sobressaltados com religiões desse tipo de curta visão que tiram o nosso sossego existencial, além de nos ameaçarem com castigos iminentes e com um juízo final impiedoso que nos joga nos porões do inferno.

3.3 A intolerância nas religiões e as propostas de paz global

Apesar de muitas religiões terem os seus deuses ou entidades da guerra (Oxossi, Indra, etc.), na realidade as religiões deveriam ser promotoras da compreensão, da tolerância e da paz e não da discriminação, da intolerância e da guerra chamada de “santa” (Inquisição, jihad).

É bem verdade, afirma Hans Küng (2004, p. 267):

que em todas as religiões sempre houve conflitos. No Judaísmo houve lutas em nome de Deus. No Cristianismo houve as cruzadas e também as conquistas coloniais e as missões estão eivadas de violência contra os povos primitivos sem uma real inculturação e respeito à liberdade dos povos colonizados.

Como bem assegura Xabier Pikasa:

O iluminismo defendeu e continua defendendo os valores liberdade, igualdade e fraternidade, desembocando num sistema capitalista violento que impede a fraternidade, destrói a igualdade e cria condições de opressão e luta que se tornam contrárias à liberdade de consciência e a comunicação universal da vida (PIKASA, 2008, p.205).

A intolerância nada mais é que os destroços dessa destruição acima colocada. Nascer, crescer e educar-se religiosamente, concebendo sua cosmovisão e religião como as únicas corretas, absolutas e fechadas porque vistas como plenas, tidas como de inspiração mecânicas (Deus ditou cada letra do livro sagrado) isso acarreta uma ojeriza ao diferente, ao relativo, ao complexo e ao múltiplo⁵.

Na verdade, referindo-se a Maomé, o Alcorão afirma: “Na verdade, tendes no Mensageiro de Deus um excelente exemplo para aqueles que esperam contemplar Deus, deparar-se com o dia do Juízo Final e invocam Deus frequentemente” (ALCORÃO, 33,21).

O escritor islâmico Abdul-Rahman AlSheba (2007, p. 30-47), referindo-se às características da personalidade de Maomé elenca as seguintes: intelecto destacável, fazer coisas em nome de Deus, sinceridade, boa moral, ética e companheirismo, amabilidade e bons modos, amor pela reforma e pela reconciliação, ordenar fazer o bem e proibir fazer o mal, amor pela Purificação, cuidar das palavras, destacar-se em atos de adoração, tolerância, bom aspecto, ascetismo e assuntos mundanos, altruísmo, firme fé e entrega a Deus, bondade e compaixão, simplificação e facilidade, temor a Deus e devoção, cooperação, honestidade, generosidade, honrar os limites e fronteiras de Deus, expressão facial plácida, lealdade, valentia e coragem, hospitalidade, timidez e modéstia, humildade, misericórdia, perseverança e perdão, paciência, justiça e equidade, satisfação e riqueza do coração e desejos de bondade até com os inimigos.

Oxalá, os jihadistas vivenciassem a justiça, a equidade, a bondade para com os inimigos e a tolerância como fez Maomé!

O escritor islâmico, Sami Armed Isabelle, referindo-se à intolerância do Islamismo, vai nessa mesma direção, afirmando: “Se somos todos descendentes de Adão, a consequência direta dessa visão é que todos nós temos direito à justiça e ao bom tratamento sem que se olhe para a cor, o sexo e a religião ou qualquer outro aspecto” (ISABELLE, 2008, p. 70).

⁵ O nome do profeta Maomé (Muhammad: o Confiável) por si só já é garantia de verdade para o Islamismo. O livro Sagrado, o Alcorão, foi ditado diretamente por Deus. Já a Suna foi igualmente revelada por Deus, mas tem a interferência de Maomé, o verdadeiro e confiável Mensageiro (SEDA, 2005, p. 40).

Assim está escrito no Alcorão: “Deus nada vos proíbe quanto àqueles que não vos não combateram pela causa da religião e não vos expulsaram de vossos lares, nem que lideis com eles com gentileza e equidade, porque Deus aprecia os equitativos” (ALCORÃO, 60, 8).

Em relação ao terrorismo, S.A. Isabelle afirma que o Islão tem sido tolerante ao longo dos séculos com judeus e cristãos, citando a história do domínio islâmico e sua convivência com judeus e cristãos, no Egito, Espanha, Iraque e alhures. Isabelle julga a culpa na mídia que distorce os textos do Alcorão, tirando-os do contexto. Por exemplo: “Matai-os onde quer que os encontreis e expulsai-os de onde vos expulsaram” (ALCORÃO, 2,191).

No entanto, o texto inteiro do Alcorão é bem diferente: “Combatei pela casa de Deus aqueles que vos combatem; porém não pratiqueis a agressão, porque Deus não estima os agressores. *Matai-os onde quer que os encontreis e expulsai-os de onde vos expulsaram*, porque a intriga é mais grave do que o homicídio [...]”. (ALCORÃO, 2, 190-194).

O mesmo acontece com os outros fundamentalismos religiosos numa leitura ingênua (e não exegética) dos textos sagrados, gerando, entre outros fatores, a intolerância e a consequente violência entre membros de diversas religiões de visão estreita num mundo globalizado e secularizado.

Ora, vivemos num mundo que se tornou uma pequena aldeia secularizada, sendo nós invadidos, via potente mídia, pelas diferenças e complexidade da atual realidade desse nosso mundo, ferindo os horizontes estreitos e fazendo tremer as estruturas compactas, absolutas e fechadas sem os suportes contra os terremotos da cultura atual.

A tolerância deve ser cultivada. Buda, numa conversas com seus monges, falou sobre a tolerância. “Não devemos ser intolerantes com os inimigos, mas tratá-los como alguém com que se possa dialogar, em algumas ocasiões e isso nos enriquece” (NYANASAMVARA, 1993, p. 219).

É necessário que as organizações internacionais e as Igrejas criem mecanismos e instrumentos eficazes para uma nova educação que quebre paradigmas ultrapassados, tidos como perenes porque revelados por Deus que não conhece mudança, esquecendo-se os fanáticos que somos seres incompletos e, portanto, construtores da história que é dinâmica.

Lutar pela paz, que não é só ausência de guerra, mas crescimento harmônico e justo dos indivíduos, grupos sociais e nações, colocando como pedra fundamental do Reino de Deus, a Justiça que gera a paz, o amor e alegria no Espírito Santo (Rm 14,17-19).

CONCLUSÃO

Nosso mundo, de forte matiz capitalista, numa busca desenfreada pelo ter a qualquer custo, com deslavadas corrupções, esquece-se de construir uma *educação* preocupada com o equilibrado jogo entre o ser e o ter, fortificando uma identidade dinâmica e não estática que se enriquece com as diferenças ao nosso redor, em todos os níveis, num mundo celeremente mutante.

Essa educação deve primar pelas equilibrações cognitivo-afetivas, axiológicas, culturais e religiosas no processo de adaptação com seus momentos de assimilação da realidade e de acomodação a essa mesma realidade de uma maneira rápida e eficiente (Inteligência segundo Piaget), evitando uma formação rígida e absolutizante na aquisição e vivência dos valores transmitidos e mal interiorizados.

Essa eficiência educacional se traduz, no momento da acomodação, numa capacidade de enriquecimento da identidade (que é dinâmica e não estática) em respeitar o que é diferente, o cultural diverso e o multirreligioso, fazendo medrar novos valores superiores e positivos (Max Scheler), que farão acontecer o respeito, a tolerância e a vivência da paz tão almejada.

Essa eficiência na educação evita, na passagem para a fase objetal (Winnicott), uma maior fixação estruturante no ego do que no objeto, sendo essa fixação altamente insensível e deturpadora do ego no processo cognitivo e relacional.

Uma excelente educação religiosa e geral evita uma interpretação (exegese) fundamentalista (letrista), ingênua e desviante do conteúdo dos livros sagrados associada à ganância financeira, política e religiosa de certos fiéis não cultos nos quais a sensibilidade diante da pessoa humana nunca nasceu ou já morreu há muito tempo por um enrijecimento do coração humano.

Uma educação axiológica falha não leva em conta a justiça, o amor e o respeito, pedras fundamentais do Reino de Deus (Rm 14,17-19), bem como a existência de uma visão distorcida, antropomorficamente pobre sobre Deus, leva a atitudes despóticas, antidemocráticas e terroristas, abatendo impiedosamente tantos inocentes.

A abertura de mente, num mundo complexo como o nosso, propiciará uma convivência mais pacífica com outras culturas e credos religiosos sem estranheza e radicalismos. O assassinato de nove pessoas negras numa Igreja do estado de Carolina do Sul (Estados Unidos) estremeceu o mundo por causa de um jovem com uma visão tão estreita que poderia, num mundo globalizado como o nosso, ter uma mente mais aberta.

No Japão, o Zen-budismo e o Xintoísmo convivem pacificamente, saindo o fiel de um templo xintoísta e entrando num pagode budista onde procura a complementação de sua dimensão religiosa já que nenhuma dessas religiões é concebida como contendo toda verdade.

O fiel xintoísta ou budista constrói assim uma paz maior com a riqueza dessas religiões, respeitando as diferenças das demais religiões (Judaísmo, Cristianismo).

Esse convívio pacífico entre xintoístas e zen-budistas acenam para destruição da intolerância, da violência e do terrorismo religiosos e nos convida à construção de um mundo e de uma cultura abertos e pacíficos, próprios para os nossos tempos, perseguindo o equilíbrio salutar e as equilibrações, em nível cognitivo, afetivo, axiológico e religioso com o cultivo da tolerância e da paz tão necessárias hoje e no amanhã de nossos dias e de nosso sofrido planeta Terra.

REFERÊNCIAS

- ALSHEHA, Abdul-Rahman. **Muhammad: o mensageiro de Deus**. Rabwah: Islamhouse. 2007.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1980.
- BOCHENSKI, I.M. **Filosofia contemporânea ocidental**. Max Scheler, Filosofia da essência. São Paulo: Herder, 1962, p.142.
- CUSINATO, Mario. **Psicologia delle relazioni familiari**. Bologna: Il Mulino, 1988.
- ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FREUD, S. **Obras Completas**. Interpretação dos sonhos (V). Rio de Janeiro: Editora Imago, 1900/1972.

_____. Group Psychology and the analysis of the ego. In: **Civilization, Society and Religion**. Vol. 12, Selected Works. Harmondsworth: Penguin, 1921/1991.

GIRA, Dennis. **Budismo**: história e doutrina. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, S. et al. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

HAYEK, Samir El. **Alcorão Sagrado**. São Paulo: Editora Tangará, 1975.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISBELLE, Sami Armad. **O Estado islâmico e sua organização**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

KÜNG, Hans. **Religiões do mundo**. Em busca dos pontos comuns. Campinas/SP: Verus Editora, 2004.

LALANDE, André. **Vocabulario técnico y crítico de la Filosofía**. Buenos Aires: El Ateneo, 1953.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de Psicanálise**. Santos (SP): Martins Fontes, 1970.

NYANASAMVARA, H.H.S. **Forty-five years of the Buddha**. Bangkok (Thailand), 1993.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Proclamação dos Direitos Humanos**, 1948.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

_____. **A Linguagem e o pensamento da criança**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.

PIAGET, J.; GRECO, P. **Aprendizagem e conhecimento**. São Paulo: Editora Freitas Bastos, 1974.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

PIKASA, Xabier. **Violência e diálogos das religiões**. Um projeto de paz. São Paulo: Paulinas, 2008.

SEDA, Pete. **O Islão é...** Uma introdução ao Islão e seus princípios. Rabwah: Islamic House, 2005.

SHERMER, Michael. **Cérebro e crença**. Como o nosso cérebro constrói crenças e as transforma em verdades. São Paulo: JSN Editora Ltda., 2011.

WINNICOTT, Donald W. **L'enfant et sa famille**. Paris: Éditions Payot, 2002.